




XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Movimento libertário em Barcelona, o lado invisível

Libertarian Barcelona, the invisible side

*Léa Guimarães Souki, Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais, lgsouki@gmail.com*

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar o legado da cultura anarquista e libertária em Barcelona no século XXI. A admiração que a tradição libertária barcelonesa vem despertando em parte dos jovens brasileiros próximos ao anarquismo, hoje em crescimento nos movimentos sociais urbanos nas maiores cidades do Brasil, fez despertar o interesse pelo tema. Sem pretender explicar todos os ingredientes e as profundas raízes históricas dessa tradição, o texto trará um breve recorrido aos primórdios da “Barcelona rebelde”, à afirmação de uma ordem laica através do anarco-sindicalismo e do pensamento racionalista presentes na cidade desde o século XIX. O projeto republicano, do qual fazia parte o anarco-sindicalismo, de apropriação e ressignificação do espaço urbano, se fazia através da presença da CNT nas ruas, das lutas nas barricadas e da “ação direta” e “redes de afinidades” nos bairros barceloneses. Também serão tratadas a maneira e as formas como a cidade hoje vive seu passado ácrata e as novas manifestações da cultura libertária. Finalmente será examinado o caso das Cooperativas de Sants, que se autorreconhecem como anarquistas.

Palavras Chave: Barcelona, legado libertário, espaço urbano.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the legacy of the anarchist and libertarian culture in Barcelona in the 21st century. The admiration that Barcelona’s libertarian tradition has been awakening in part of Brazilian youth close to anarchism, today growing among urban social movements in the major Brazilian cities, triggered the interest in the subject. This article does not aim to explain the deep roots of this historical tradition, but will briefly walk through the beginnings of the "rebel Barcelona" and through the establishment of a secular anarcho-syndicalism order and of the rationalist thinking present in the city since the 19th century. The anarcho-syndicalism was part of the Republican project, which appropriated and reinterpreted the urban space through CNT’s presence in the streets, fights on the barricades, "direct actions" and "affinities networks" in the neighborhoods of Barcelona itself. The manner and forms which the city today lives his anarchist past are also covered in this article, as well as new manifestations of the libertarian culture. Finally, it will examine the case of Sants Cooperatives, self-proclaimed anarchist.

Keywords: Barcelona, libertarian legacy, urban space

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é analisar o legado da cultura anarquista e libertária em Barcelona no século XXI. A admiração que a tradição libertária barcelonesa vem despertando em parte dos jovens brasileiros próximos ao anarquismo, hoje em crescimento nos movimentos sociais urbanos nas maiores cidades do Brasil, fez despertar o interesse pelo tema. Sem pretender explicar todos os ingredientes e as profundas raízes históricas dessa tradição em Barcelona, o texto trará um breve recorrido aos primórdios da “Barcelona rebelde”, à presença do anarco-sindicalismo na República, à tensão vivida entre “fazer a revolução” ou “fazer a guerra”, e à presença da Confederació Nacional del Treball/CNT no espaço urbano. Também será tratada a maneira e as formas como a cidade hoje vive seu passado ácrata e as novas manifestações da cultura libertária. Finalmente será examinado o caso das Cooperativas de Sants, autointituladas anarquistas.

Os anos da ditadura franquista e a estigmatização do anarquismo, seguida de uma transição onde se pactuou também a memória, fizeram com que a cidade se tornasse mais referência por sua arquitetura e esplendor do que por sua histórica rebeldia. A análise dessa tradição pretende esclarecer, em alguma medida, os ingredientes do pensamento libertário reveladores de sua persistência e mesmo de seu renascimento em outras partes do mundo, especialmente entre os jovens ativistas dos movimentos sociais urbanos em diferentes países. Sabe-se que seu aspecto exemplar se relaciona mais especificamente com a experiência única do anarco-sindicalismo ter sido governo na Espanha, através de ministros da Segunda República e especificamente em Barcelona, no período revolucionário compreendido entre a defesa da cidade contra os golpistas em 18 de julho de 1936 até 17 de maio de 1937, quando teve que disputar o controle da cidade com os comunistas e os republicanos.

Barcelona foi a única cidade em que o anarquismo foi governo e força revolucionária ao mesmo tempo. Esta dimensão é original, ser anarquista e ser governo, experiência contraditória e desafiante que a cidade viveu em seus espaços físicos, entre 1936 e 1937, e que ainda hoje é lembrada e se faz presente como prática libertária em alguns bairros e na memória de setores da juventude, de escritores, artistas e jornalistas. Enquanto memória, em alguns bairros, lembrada de maneira próxima e positiva, e em outras partes como uma evocação sangrenta e inquietante. Para responder às perguntas: o que é o anarquismo hoje em Barcelona, onde se encontra e como se expressa, e estando a tradição libertária em geral e, particularmente, o anarco-sindicalismo, distribuídos na cidade e especificamente nos bairros, foram visitados estes espaços e ouvidos seus participantes. Como na tradição anarquista não há líderes, procurou-se ouvir aqueles frequentadores presentes que se dispuseram a ser entrevistados.

Além da experiência coletivista do bairro de Sants, serão considerados também espaços anarquistas e libertários – os ateneus – originalmente lugar de formação cultural e intelectual dos trabalhadores onde também se encontram movimentos cooperativistas urbanos continuados e persistentes. Os ateneus, que no passado foram referência da cultura anarquista, hoje são espaços de convivência, onde se encontram movimentos de minorias, coletivos feministas, ecologistas, veganistas e vegetarianos, defensores de animais chamados de “especeristas”, apoio a refugiados, grupos de caminhadas. Alguns deles se autointitulam anarquistas, e muitos outros se declaram

libertários.¹ Aqui está se referindo tanto à tradição anarco-sindicalista como à libertária, no sentido em que a entendem alguns teóricos ácratas. Sob uma leitura atual pode-se resumi-las de acordo com um de seus intérpretes, Carlos Taibo (2015), que vê como ponto fundamental a consciência profunda de que fazemos parte do mesmo sistema que queremos destruir, em contraste com a esquerda tradicional que, entende a revolução como uma confrontação entre bons e maus, entre lúcidos e perversos. São cinco os pontos que podem resumir seus fundamentos: em primeiro lugar, o anarquismo não é uma criação artificial da consciência, é um resgate dos fatos vividos da experiência e dos sentimentos anticapitalistas, trata-se da autoemancipação sem vanguardismo, daí a importância do trabalho com as pessoas comuns; em segundo, o anarquismo não é um dogma, a liberdade absoluta leva a desenvolver as ideias, de maneira a ter a modéstia de não ter a verdade; em terceiro, o anarquismo não nos deve enganar com laivos de radicalismos, o anarquismo não se coloca à espera da revolução radical, como uma elucubração mental, ele sempre pensa no que se deve fazer agora; em quarto, o mundo libertário não se coloca como puro a ponto de não tolerar opositores, vistos como “inimigos”; em quinto, o anarquismo critica com o mesmo rigor as ditaduras de direita e de esquerda, celebrando hoje uma proposta, mais do que nunca, atual e factível.

Do lado mais especificamente sindical, segundo um representante da Confederació General del Treball/CGT assim se define o anarquismo hoje:

O anarquismo é uma corrente de pensamento e de ação que propugna a instituição de uma sociedade organizada sem nenhuma forma de autoridade nem de estrutura hierárquica de poder (...) aspira à construção de uma sociedade autônoma e autogestionada, uma sociedade de homens e mulheres livres e iguais não só ao nível jurídico formal, como também ao nível efetivo (...) se há desenvolvido ao largo da história como uma corrente altamente heterogênea, sem um corpo doutrinal ou teórico unitário e com visões diversas e plurais. A tradição libertária tem se destacado particularmente na construção de alternativas da auto-organização popular, nos mais diversos campos (...) Na perspectiva anarquista, os meios terão que ser sempre congruentes, a forma de atuar e organizar prefigurarão e prepararão a forma de sociedade que se quer construir. (Garcia, 2016, p.3-5, tradução livre da autora).

O aspecto que se quer ressaltar é a importância da ação direta, que sendo um valor e um método de ação é muito mais do que uma doutrina, esta última considerada pelos anarquistas como uma construção artificial à qual não recorrem. A ideia da sociedade que se quer construir se faz na ação direta, sem dogmas, o único princípio que não muda é a experiência prática da solidariedade, respeitando a autonomia individual e coletiva. Quanto aos valores morais, esses têm a dimensão antissistema na medida em que praticam a solidariedade, a tolerância e a aversão à competição e ao individualismo. Hoje, Barcelona tem 59 ateneus registrados na Prefeitura da cidade. Durante a pesquisa que sustenta o artigo foram visitados oito ateneus, duas cooperativas, livrarias e foram entrevistados intelectuais, ativistas e jornalistas. O perfil dos entrevistados variou entre ativistas e estudiosos do tema, o que será explicitado na medida em que seus depoimentos se tornam objeto de análise.

¹ A categoria “libertária”, aqui, está sendo utilizada para incluir diferentes tipos de anarquismos, assim como certo tipo de cultura que neles têm sua origem. Ainda que em Barcelona ela tenha o sentido preciso de evocação de toda uma experiência histórica, o termo perdeu precisão a partir de sua utilização pela extrema direita norte-americana, os “liberais libertários” que proclamam a liberdade individual absoluta e o Estado mínimo.

A ORIGINALIDADE BARCELONESA

Uma das explicações mais interessantes sobre a força da rebeldia barcelonesa, que hoje encontra ressonância entre alguns observadores como Oriol Pi Cabanyes (2016), Guillem Martínez (2009), Cris Ealham (2005, 2010), Manuel Delgado e Manel Aisa – estes dois últimos entrevistados por mim em 2016 no âmbito das pesquisas que originaram este artigo – tem algo a ver com o fato, valendo a explicação para toda a Catalunha, do Estado central estar distante e mesmo ausente para cumprir seu papel de aglutinador da sociedade. Ao tecer o fio condutor que explica a “Barcelona Rebelde”, Martínez (2009) situa o início da rebeldia na tensão com o Estado central, desde a Idade Média, a mesma natureza de tensão se repetindo ao se integrar, na Idade Moderna, Barcelona ao Estado da monarquia catalã-aragonesa. A particularidade da Barcelona independente, já no século treze, se manifestara na criação do *Consell de Cent*, espaço de decisão composto por cidadãos, que posteriormente se estabeleceram e persistiram historicamente como famílias poderosas. Assumiram toda a administração da cidade, desde a justiça e o urbanismo até o preço dos alimentos, além de sua defesa e a relação com a monarquia. Apesar de todo este controle, a conexão com a igreja era mais conflituosa. Do ponto de vista dos agentes econômicos, a figura do “mercader”, que correspondia mais ou menos ao que era o “cavalheiro” nas outras cidades à mesma época, dá à Barcelona uma originalidade no que era o estilo de vida econômica e social urbana. Além de trânsito e reconhecimento próprio dos aristocratas, ao exercer as atividades que envolviam lucro o “mercader” não as via com conotação moral. No século XVIII, o *Consell de Cent* liderou uma guerra civil contra Felipe V, rei da Espanha. A cidade foi derrotada pelos Bourbons, época em que o invasor já havia proibido o uso do idioma catalão, restaurado posteriormente. Desta fricção com o Estado Central, e sendo a cidade mais industrializada de todo o Mediterrâneo, nasceu no século XIX uma cultura libertária original.

(...) la gran originalidad de Barcelona, su gran especialidad es la fricción con el Estado, ha sido su cultura libertaria, adquirida a lo largo de un siglo XIX espectacular e increíble. Barcelona es de hecho la ciudad cuya rebeldía menos y más tarde ha recurrido, por ejemplo, al marxismo. Y la única del mundo mundial que ha realizado en el siglo XX una revolución anarquista con cierta estabilidad y duración y con algún texto básico del anarquismo, como opina Chomsky. La tradición libertaria, demasiado descomunal para desaparecer del cerebro colectivo barcelonés tan rápido, como en efecto, ha desaparecido (...). (Martinez, 2009, p.14)

Sob a industrialização, a fama de “cidade rebelde” já se encontrava registrada na famosa afirmação de F. Engels, de 1873: “Barcelona, la ciudad industrial más grande de España, ciudad cuya historia registra más luchas de barricadas que ninguna otra villa del mundo”. Sendo Barcelona um dos polos da industrialização, o único em todo o Mediterrâneo e superando em muito Gênova, foi nela também que se deram os mais altos níveis de exploração da força de trabalho. Neste contexto de superexploração foi que se desenvolveu a experiência histórica mais continuada das lutas anarco-sindicalistas que chegaram, durante a II República (1936-39), a ocupar o alto escalão do governo ao nível nacional. A presença de ministros anarquistas da CNT, até sua queda em 1939 com a vitória do franquismo, pode ser considerada a única experiência anarquista de governo na história.

Em que sentido se pode atribuir à experiência histórica do anarquismo algo especificamente barcelonês, uma vez que a luta de classes acirrada se deu também em outros países europeus e em outras cidades sem que com isso o anarquismo tenha fincado raízes tão fortes e persistentes? Em entrevista, o antropólogo e escritor barcelonês Manuel Delgado deu sua particular interpretação: “O anarquismo é o nosso líquido amniótico. Aqui se pode ser anarquista e mais

qualquer outra coisa, temos de tudo: anarquista-monárquico, anarquista-maçom, anarquista-católico, anarquista-comunista.” (M. D., entrevista concedida à autora na Universtat de Barcelona, em 14 jul. 2016)²

Quais seriam as explicações plausíveis para a extensão e persistência dessa experiência? Há que se considerar que houve e ainda existe tradição anarquista em várias outras comunidades na Espanha, de modo a considerar que o anarquismo não é algo específico da Catalunha, embora aí seja a referência mais persistente e com expressão histórica desproporcional em relação à Aragão, País Basco, Madrid, Andaluzia, mesmo considerando o anarquismo agrário desta última, no início do século XX.

A explicação estaria, em muito, relacionada com a forma como se deu a acumulação do capital na indústria, a exploração da mão de obra industrial, o desemprego, a imigração, as condições de habitação e moradia, os longos períodos de fome, a truculência do uso da violência direta por parte do Estado sobre os trabalhadores e a incapacidade de negociação dos capitalistas. Os espaços da cidade, a distribuição e disposição das grandes fábricas nesse território, também são fontes de explicação da capacidade de organização e aglutinação que estas forças coercivas e criadoras de pobreza provocaram nos trabalhadores. O exemplo do bairro de Sants, cuja experiência de cooperativa atual será tratada neste artigo, é um caso em que a espacialidade, perto da ferrovia, o acesso ao porto, a concentração territorial de fábricas, teriam sido fatores que, *a posteriori*, podem ser uma fonte de explicação. Outro fator que não pode ser esquecido, porque desempenha um papel fundamental na explicação da particularidade e persistência do anarquismo barcelonês, foi o surgimento das lideranças dos trabalhadores do porte de Durruti, Oliver e Ascaso. O reconhecimento de que desfrutavam chegou a ultrapassar as fronteiras da própria Catalunha e tiveram um protagonismo nacional durante a Guerra Civil. Pode-se ter uma ideia da popularidade destas lideranças através da descrição de um contemporâneo:

Los compañeros tenían una manera de ser gregaria en cuanto a bares. Bastaba que vieran a uno sentado en un velador de café para que tomasen asiento a su lado. Luego pasaba otro con el mismo resultado, hasta que formaban un grupo. (...) La Tranquilidad se hizo célebre como punto de concentración de lo más florido del anarquismo barcelonés y muchos novatos concurrían expresamente a aquel bar, situado al lado del Teatro Victoria y frente a la Brecha de Sant Pedro, sólo para ver de cerca a Durruti, Ascaso o García Oliver, el “trío de la benzina” que solía llamárseles. (Dalmáu, Miró, 2010, p. 62, nota 74)

Os pontos de encontro eram os bares e os ateneus, e em períodos de muita repressão as caminhadas dominicais, onde os trabalhadores se reuniam para discutir e se instruírem. As cooperativas também desempenharam um importante papel nos períodos em que as prisões estavam abarrotadas de trabalhadores e suas famílias, na miséria. O Estado se fazia presente muito mais em seu caráter repressivo e militar do que pela capacidade de apresentar serviços e canais de resolução dos problemas na miserabilidade do dia a dia. Contando com a cumplicidade da autoridade da igreja, entendida e vivida pelos trabalhadores como uma força reacionária à mudança e repressiva nos seus cotidianos, por parte dos trabalhadores foi difícil entender o reformismo como caminho para a justiça social.

² A regra geral de referência adotada no texto é de apresentar iniciais dos entrevistados, exceção para os entrevistados que ocupam cargos em ateneus, fundações ou arquivos, bem como pesquisadores e estudiosos do tema, caso em que aparece o nome junto à declaração.

A rua era o espaço da CNT, os trabalhadores e desempregados desenvolviam maneiras de se moverem e se articularem mesmo em períodos em que vigoravam os toques de recolher e a Lei Marcial. Nos bairros foi sendo formada, a partir de variadas experiências, uma cultura acumulada em luta de “ações diretas” geradora de um conjunto de conhecimentos, uma maneira persistente e quase natural de defender seus direitos, a ponto de poder se falar, como sustenta Chris Ealham, de uma “contracultura essencialmente anarquista” (Ealham, 2005, p.190) em Barcelona no início do século vinte:

Firmes partidários da auto-expressão espontânea das massas, y completamente opostos aos socialistas, que faziam uma clara distinção entre o revolucionário e o “criminoso”, os libertários ressaltavam o direito inalienável dos pobres e necessitados a proteger sua existência, o “direito à vida”, por qualquer meio que estivesse ao seu alcance, legal ou ilegal. Também apoiavam os atos ilegais de caráter popular, como comer sem pagar nos restaurantes, atividade habitual entre desempregados e grevistas. (Ealham, 2005, p. 81)

Sob a influência do método da “ação direta”, uma originalidade da CNT em Barcelona era sua presença territorial nos bairros, onde, ao mesmo tempo em que introduziam e afirmavam os valores anarquistas de liberdade e autonomia, também aprendiam e se alimentavam das experiências já existentes na cultura local. Esta retroalimentação propiciou que fosse formada uma cultura onde mesclavam formas de luta modernas e formas tradicionais, nas fábricas e nas ruas. Em um ambiente em que os patrões não se dispunham a negociar com os sindicatos e nem criar espaços institucionais de negociação, a CNT passou a criar e conquistar espaços e frentes de luta mais amplos, para além das fábricas. Nesse processo passou a utilizar métodos não legais, como negociar e forçar o barateamento dos aluguéis e dos alimentos e criar escolta armada para grupo de mulheres operárias que requisitavam comida nas lojas em períodos de greve ou de desemprego. Nos bairros, em relação à polícia, também eram utilizados métodos não convencionais como luta corporal, ou hostilizá-la jogando objetos das sacadas quando chegavam para alguma ação repressiva.

Os “grupos de afinidades”, a principal forma de estruturação das atividades da CNT, eram compostos de certo número de pessoas que variava de um mínimo de quatro a no máximo vinte, e visavam a conscientização e a formação de práticas cotidianas de solidariedade, liberdade e autonomia. Reuniam-se em bares e cafés, que diferentemente da tradição socialista que eles desaprovavam, conviviam com setores marginalizados em um ambiente onde eram valorizadas qualidades pessoais como heroísmo, rebeldia e resistência à ética do trabalho e aos valores do cotidiano da sociedade capitalista. Nesses espaços de cultura de resistência receberam a influência do anarco-sindicalismo francês que, no início do século, era uma forma de organização de caráter mais urbana que expressava a realidade da era industrial. A promessa desse projeto era uma vida baseada nos “três oito”: oito horas de trabalho, oito horas de sono, oito horas de diversão e educação, proposta entendida como uma etapa para a destruição do Estado e a conquista de uma sociedade sem classes.

Em Barcelona, ao mesmo tempo em que a força de trabalho era explorada em proporções anteriormente desconhecidas, outro movimento renovador iluminista e laico, nascido no século XIX, mobilizava setores esclarecidos da classe média através de intelectuais e pensadores que, sendo críticos da igreja e afins às ideias republicanas de origem francesa como parte de seus projetos emancipadores para a Catalunha, militavam por uma educação não-religiosa e universal. Tendo a inquisição na Espanha durado até 1834 e a revolução científica moderna sido rechaçada, o pensamento racionalista encontrou dificuldades para se consolidar, marcando uma espécie de

entrada dramática da Espanha na modernidade. A laicidade do Estado sempre foi uma dimensão problemática, incluindo nela a educação emancipadora e universal no bojo de um projeto maior de afirmação da identidade catalã e republicana. Para certas correntes catalãs do ateísmo, se a autoridade do rei se origina em Deus, lutar pelo ateísmo era lutar em primeiro lugar contra a monarquia. A dimensão política do ateísmo era algo explícito em Barcelona: no ambiente de tensão social, de desigualdade extrema e privilégios da igreja, o ateísmo era uma questão explosiva. Como expressão dessas correntes merecem atenção duas tradições barcelonesas que alimentaram este projeto, a Escola Moderna de Ferrer i Guardia e a maçonaria.

A presença da maçonaria na República está longe de ser inexpressiva, e figuras como Ramón y Cajal, prêmio Nobel de Ciência 1906, e Andreu Nin, o grande líder do Partido Operário de Unidade Marxista/POUM, foram personagens que marcaram a história da Espanha moderna e compartilhavam as ideias maçônicas de racionalidade e emancipação humana. Em entrevista, Viçens Molina, seu subdiretor, esclarece sobre as raízes do pensamento da Escola Moderna, como a cientificidade e o republicanismo. A Escola Moderna de Ferrer i Guardia, em Barcelona, representava o que havia de mais avançado em educação na época, o que fez com que muitos anarquistas não só simpatizassem com sua pedagogia como passassem a frequentá-la e entendê-la como parte de seu projeto de educação. Ela, por sua vez, durante vários anos ofereceu espaço para a formação de seus quadros, educados sob a perspectiva da luz, da igualdade e da liberdade. Muitas vezes Ferrer i Guardia foi identificado com o anarquismo, fato que está ligado à sua execução em 1909, sob o julgamento de um tribunal militar. Hoje a Fundación Ferrer i Guardia, em Barcelona, desenvolve atividades pedagógicas, nas palavras de seu diretor:

Para Ferrer i Guardia a emancipação humana tem a ver com as instituições. Ele decepciona com as organizações e tem um corte, entre 1894 e 1895, passa a ver como solução “pensar de forma livre, sem influencias autoritárias—através da educação”. Em 1901 ele afirma que a criança já é um cidadão e assim deve ser tratado como alguém que tem capacidade própria de discernimento quanto a valores e responsabilidade. Sobre o anticlericalismo o pensamento da maçonaria barcelonesa é claro, é crítica do obscurantismo, da negação da emancipação humana via conhecimento e felicidade. A dominação via educação autoritária praticada nas escolas confessionais e toda a pregação com base na culpa, na submissão e na dor, faz da igreja católica o principal alvo do pensamento iluminista catalão. (Entrevista concedida à autora na Fundació Ferrer i Guardia, em 28 abr. 2016)

Ferrer i Guardia foi preso e executado, sob o protesto de vários países da Europa. Responsabilizado pelo atentado contra o Rei Alfonso XII, quando morreram 113 pessoas, foi julgado por um tribunal militar e condenado sem provas. Em 1909 havia se posicionado contra a Guerra do Marrocos e o associaram a Mateo Morral, antigo bibliotecário da Escola Moderna, que atirou a bomba. Ainda que as figuras de Ferrer i Guardia e da Escola Moderna tenham sido associadas ao anarquismo, seus seguidores hoje não se autointitulam como tal.

O ESTIGMA. QUEIMAR IGREJAS

Que o anarquismo, ainda hoje, continua seduzindo os idealistas antissistemas, os jovens, os ecologistas, feministas de várias partes do mundo, não se pode negar. Contudo, permanece um estigma que às vezes torna difícil para alguns barceloneses se reconhecerem como tais. Em Barcelona, por exemplo, pode-se encontrar ativistas libertários, ecologistas, pacifistas, idealistas de várias tendências que, não se autodefinindo como anarquistas, têm em casa no conjunto das fotos dos familiares um retrato de Koprotikine. Além da razão óbvia da associação com a guerra e

com o uso da violência, de onde viria o estigma? Há que se recordar que para essas pessoas o anarquismo não é algo vivido através da literatura, ao contrário, tiveram pais e tios que os alertaram para a guerra como uma experiência dramática – a perda de parentes próximos, o embate na vizinhança, no bairro, dentro da família, os bombardeios, as mortes diárias, os dois lados armados. Se há admiração pelos republicanos, ela vem sem o romantismo que normalmente envolve o observador estrangeiro. São vários os sentimentos que o anarquismo deixou de seu passado no momento presente em Barcelona. Nos bairros, os anarquistas são vistos muitas vezes com muita simpatia pelo aspecto pacifista e construtivo que demonstram em seu cotidiano, como é o caso da Vila de Gràcia, considerado um bairro de tradição republicana.

A desconfortável memória do “queimar igrejas” provoca uma reação automática e irrefletida de mal-estar. Nas palavras de um escritor e jornalista, “o estigma vem não só da direita, vem, sobretudo, dos comunistas, foram eles que mais estigmatizaram os anarquistas, a CNT e FAI”. Do estigma se valeu e se alimentou a ditadura franquista durante os trinta e oito anos em que teve que dominar e submeter a “cidade rebelde”. Com a expressão “queimar igrejas” pretende-se sintetizar aquilo que se refere ao estigma atribuído ao anarquismo barcelonês. O primeiro momento – ainda que os episódios incendiários tenham ocorrido desde o século XIX – foi na *Semana Trágica*, em 1909, quando esta prática tomou proporções antes desconhecidas. No contexto da Guerra do Marrocos empreendida pelo governo espanhol na tentativa de salvar sua última colônia, somente os pobres, trabalhadores ou desempregados eram recrutados, uma vez que as famílias com dinheiro podiam pagar uma quantia corresponde mais ou menos a dois anos de trabalho de um operário, seis mil pesetas, e livrar seus filhos do recrutamento. Sem esquecer que a Igreja defendia a guerra como uma cruzada contra os infiéis, sendo que muitas paróquias conclamavam as populações pobres a se alistarem. A violência começa em um dia de embarque: diante das celebrações da alta burguesia catalã entregando flores, mimos e escapulários aos combatentes, os soldados se rebelaram, ao que se seguiu a repressão da polícia, o que foi acompanhado pelas mulheres do bairro operário próximo, o Raval, que enfrentaram a repressão. A partir daí se inicia a escalada da violência, e a geografia da cidade facilitava o enfrentamento. Sendo a igreja o principal alvo da revolta, o saldo de instituições religiosas queimadas foi de 80: 33 escolas, 14 igrejas paroquiais, 11 instituições benéficas (orfanatos, asilos para idosos, casas de correção), oito residências religiosas masculinas, oito conventos de clausura e seis círculos de operários. A igreja era proprietária de grandes fortunas em ações nas companhias mineiras do Marrocos e empregava, em regime de trabalho precário, mulheres e crianças em pequenas indústrias das paróquias; além disso, tinha o monopólio da educação exclusiva para a classe média e alta burguesia. Muitos dos sacerdotes, ao serem retirados das igrejas e desvestidos de seus hábitos, tinham presos aos seus corpos os títulos de propriedade das minas do Marrocos, sendo a ordem jesuíta a que tinha mais investimentos e a mais visada pelos incendiários.

São muito conhecidas as fotos de Barcelona ardendo na *Semana Trágica*. Em termos de liderança pode-se afirmar que foi aí, também, o grande protagonista, o líder do Partido Radical, Lerroux, populista e agitador, que organizou, selecionou e incitou a população ao saque. Tendo centrado o ódio de classe contra a igreja, na prática deslocou o foco da grande burguesia barcelonesa. Por outro lado, os incendiários, com pouca educação formal e incapacidade de decifrar todos os aspectos da dominação a que estavam submetidos foram levados, muitas vezes, a ultrapassarem a revolta política. Chamou a atenção o fato de que as igrejas muito importantes e situadas em lugares bastante visíveis não fossem tocadas, estando de frente da casa do conde de Comillas, uma das maiores fortunas da Catalunha. À época do julgamento, Lerroux se encontrava exilado na Argentina. Foram condenadas 150 pessoas, muitas penas comutadas e no final ficaram cinco que foram fuzilados. Um deles foi Francisco Ferrer i Guardia, criador da Escola Moderna, libertária e próxima à maçonaria, sem que estivesse na cidade durante os acontecimentos.

O segundo momento foi o período da Guerra Civil, 1936 a 1939. Embora o material de pesquisa e a produção literária sejam extensos, pode haver ainda alguma contenção em examinar os fatos. Aos olhos de um historiador britânico como Chris Ealham (2005), a interpretação dos traumáticos acontecimentos históricos se manifestou em uma extensa pesquisa sem os pruridos que o tema costuma provocar nos barceloneses. Ele vê a repressão religiosa como um aspecto singular da revolução espanhola, na medida em que a chamada “criação destrutiva” do movimento revolucionário de Barcelona foi focada, em grande medida, contra as instituições religiosas. Sustenta a tese, baseada em observadores estrangeiros e nativos, que a ação chamada “jornadas de justiça fumegantes” era de natureza calculada e deliberada. Não se tratava de uma paixão anticlerical, mas de uma decisão de transformar os espaços religiosos em espaços cívicos. A escolha de quais igrejas seriam queimadas era deliberada em assembleias populares, de maneira que não se tratava de se apossar de objetos de valor, mas de aplicar um conteúdo moral e político aos saques. Adiciona: “Por el hecho de que CNT, desde el 21 de julio hubiera r prohibido la venta de bebidas alcohólicas se puede suponer que la multitud tuviera control de sus impulsos”. As avaliações dos objetos eram feitas por Comissões Técnicas criadas para esse fim. Os comitês de bairros, sindicatos ou partidos tinham a intenção de ressignificar o espaço eclesiástico com a finalidade de “superar o espaço do déficit construído” e ao mesmo tempo dar a ele um conteúdo moral. A nova ordem republicana transformava esses lugares em espaços onde pudesse exercer as atividades públicas, espaço de sociabilidade e de organização da nova sociedade e da guerra que estava sendo travada. A igreja significava terra, espaço físico, condições de exercer as práticas republicanas, seu espaço passava a ser cinema, os confessionários bancas de revistas e as criptas das igrejas, abrigos contra bombardeios aéreos. Tratava-se de destruir a base ideológica burguesa destruindo sua principal base de sustentação da opressão obscurantista, substituir estes espaços por lugares onde fossem desenvolvidos os valores republicanos e racionalistas. (Ealham, 2005, p.293-294)

É muito provável que o papel da igreja como autoridade ficasse exacerbado, na visão de republicanos e anarquistas, pela incompetência do estado central fazer-se referência da nação. Assim, a igreja se tornava um ponto muito visível como força opressora no cotidiano dos pobres e trabalhadores, o que se somava às experiências anteriores da revolta anticlerical da *Semana Trágica* e dos anos de 1830. A igreja era a maior dona de terras e um dos maiores poderes financeiros, e encarnava diretamente a opressão através de instituições como escolas, hospitais, asilos, orfanatos e casas de correção para menores. A ânsia por uma educação universal propagada pela Escola Racionalista e pela Escola Moderna deixava claro para os setores progressistas e para os anarquistas a necessidade de que fosse retirado da igreja o monopólio do ensino, a que só tinham acesso os ricos e a classe média. Por outro lado, as profanações de tumbas de religiosos, prática já exercida na *Semana Trágica*, e sua exposição nas portas das igrejas, era um espetáculo insólito que ficou definitivamente marcado na memória da guerra civil. Apesar dos rituais anticlericais, alguns deles macabros – como de abrir as antigas tumbas de religiosos e coloca-las nas portas das igrejas – Ealham sustenta que no caso da 2ª República não havia uma paixão religiosa por parte dos republicanos e nem da CNT. A República necessitava de espaços, tanto para as funções de sociabilidade como de organização da guerra, e a igreja tinha terras e equipamentos urbanos, aos quais os republicanos procuraram dar outra função e outro significado, tanto por questões práticas como com sentido moral. Segundo o depoimento de uma testemunha ocular: “El sociólogo alemán Franz Borkenau describió la quema de una iglesia en el centro de Barcelona como un asunto administrativo, con el cuerpo de bomberos cerca para evitar que el fuego se propagase a los edificios contiguos (...) muy pocas iglesias fueron destruidas (un informe gubernamental de 1937 concluía que sólo 13 de las 236 estructuras eclesiásticas de Barcelona habían sido demolidas.” (Ealham, 2005, p. 293). Contudo, este balanço pouco corresponde às impressões registradas na memória da esquerda e da direita barcelonesa, que os

considera muito maiores. Este dado pode ser relativizado ao se considerar o número de mortos: a cifra total de vítimas em toda a Catalunha, entre julho de 1936 e fevereiro de 1939, foi de 8.352, sendo de 2.441 os religiosos assassinados, o que corresponderia a quase trinta por cento.

Os anarco-sindicalistas procuravam salvar os objetos artísticos de valor, especialmente em ouro, com a finalidade de financiar equipamentos bélicos; os sinos das igrejas eram confiscados e dissolvidos para serem transformados em canhões. Ao confisco dos sinos das igrejas, um ativista e ambientalista entrevistado adiciona outro conteúdo: “Las campanas eran la voz de la iglesia y de todo que ella conllevaba, por el toque de la campana que anunciaba las celebraciones, las obligaciones, la disciplina, las diferencias de clase. Por el toque se podría saber en un funeral sobre la clase social, el prestigio y el poder de quién estaba sepultado, entonces se trataba de impedir que la iglesia fuese la voz de la ciudad.” (J.B., entrevista concedida a autora no Centre Cultural Case Orlandai, em 03 jun. 2016)

O ESPAÇO URBANO DIVIDIDO

Teria havido em Barcelona um projeto urbano de uma cidade revolucionária? Seria difícil contestar, mas, na distribuição do espaço urbano é possível entender o crescimento econômico e a estrutura de classes manifesta na cidade que é hoje celebrada como uma das mais belas e arrojadas expressões do modernismo. A partir do século dezenove, mais precisamente 1850, parte das elites barcelonesas supôs ter encontrado espaço, após a derrubada da muralha medieval que cercava a cidade em torno do porto, para realizarem o ideal progressista especificamente catalão de uma cidade moderna e integrada. O Plano Cerdá, projetado em 1859 sob a liderança do arquiteto progressista Ildefons Cerdá, entendia que a renovação urbana e a planificação da área da Cidade Velha, com seus traçados irregulares, trariam condições de habitação mais integradas e justas, compatíveis com o modelo de cidade vanguardista que eles entendiam como algo mais catalão do que espanhol. Rompida a muralha medieval que acolhia bairros deteriorados como o Raval, uma nova área, a Eixample, de acordo com o projeto de Cerdá, facilitaria a nova função da cidade antes emuralhada: seria a área planificada onde conviveriam as diferentes classes sociais sob um sistema de igualdade social e unidade cívica. O plano igualitário de Cerdá, ao ser subordinado aos interesses da burguesia catalã, a qual se adaptara ao Estado central, foi portanto inviabilizado como ideal de justiça e integração.

Ao contrário do idealizado pelos arquitetos progressistas, a Exposição Universal de 1888 facilitou as propostas de intelectuais orgânicos da burguesia nacionalista de culto à “Grande Barcelona”, projetada com esplendor para ser a Paris do sul. A este plano e a seus idealizadores faltou a noção de que o crescimento por si não promoveria a integração de classes. No fim do século XIX, teve início o fenômeno da imigração para Barcelona, que atraiu trabalhadores de toda a península, a ponto da cidade ser comparada à Califórnia do Mediterrâneo. Por volta dos anos de 1920 a população de Barcelona chegava a ser de 35% de não catalães. A cidade não tinha infraestrutura urbana para acolher a população, sem habitações dignas, “havia pensões que alugavam camas por hora e trabalhadores que pagavam para dormir em pé, amarrados em cordas em quartos coletivos.” (Ealham, 2005, p.39). As favelas começaram a aparecer em fins do século dezenove, não eram construções espontâneas dos trabalhadores, eram construídas por proprietários de terrenos próximos às indústrias, não longe do centro. Os donos, conhecidos como “caseros”, construíam com material precário e barato para serem alugadas para imigrantes, em condições de higiene e comodidades muito débeis.

Pela primeira vez, em 1929, e em razão da Exposição Universal, o governo tomou a iniciativa de construir casas populares, “cases barates” para retirar as favelas da montanha de Montjuic, para liberar a vista dos pavilhões da exposição. As casas eram construídas rapidamente em terreno baldio e com material de má qualidade, muito semelhante ao padrão das favelas já existentes. Por meio desse projeto de moradia a população que nelas vivia foi empurrada para territórios marginalizados, na periferia semiurbana da cidade, onde faltava transporte, escola e comércio. A maneira como foram projetadas também cumpriu uma função repressiva, e a ideia de que o progresso traria a integração social foi claramente desfeita com a segregação espacial que se seguiu a esta intervenção urbanística. Empurrados para fora do espaço urbano, dele separadas por um cordão de terras cultivadas, projetadas em fileiras parecidas a quarteis ou prisões, pôde-se, preventivamente, propiciar que fossem também isoladas pelas forças da ordem em caso de qualquer reação coletiva. Quando a república foi proclamada em 1931, a crise econômica de 1929 já havia provocado a retração da indústria e do emprego, inviabilizando a promessa do governo republicano da Esquerda Republicana da Catalunha/ERC, cuja fundação se deu a partir de grupos antimonarquistas e nacionalistas de esquerda e de direita. Com uma atitude política de aproximação e mostrando alguma intenção de reparar as injustiças sociais, a cerimônia de fundação se deu no bairro operário de Sants, lugar da resistência operária durante a ditadura de Primo de Rivera. O político mais moderado que o substituiu, Berenguer, viabilizou a aliança da burguesia catalã com a monarquia, nomeando para prefeito o conde J. A. Güell, representante da burguesia barcelonesa.

Sob a ditadura de Primo de Rivera, diante do aumento do desemprego, nem o Estado ou a igreja eram capazes de prover o mínimo de beneficência pública. É neste contexto que se aliaram, republicanos e movimento sindical. A CNT, anarco-sindicalista, por definição era antipolítica, não acreditava no caminho oferecido pelas eleições, negando-se a participar de um acordo eleitoral com a ERC; contudo, não proibiu seus filiados de votar, o que criou um clima favorável aos republicanos nos bairros. A ERC tinha um projeto de construir uma cidade republicana onde fossem garantidas as liberdades individuais e coletivas. Isto incluía a reformulação das condições trabalhistas e uma revolução nas moradias, onde todos os trabalhadores tivessem uma casa e um pequeno jardim. Essas promessas conseguiram atrair o apoio de grande parte de filiados da CNT, embora sua inviabilidade manifestou-se quando a jovem República teve que arcar com as dívidas do governo anterior. O apoio dado aos republicanos nos bairros explicaria os resultados favoráveis nas eleições de 14 de abril de 1931. Das 50 cadeiras municipais, os republicanos ganharam 38 e a Liga monárquica 12. Este fato fez com que a Catalunha proclamasse a República antes de Madrid, no espaço público emblemático da Plaza San Jaume, em Barcelona.

A convivência da CNT com a ERC nunca foi linear. No início da República, o governo catalão teve, através de Companys, uma política de aproximação com a CNT que era a força nas ruas mais estruturada em Barcelona. Para se entender sua importância, faz-se necessário registrar que foram a CNT e a FAI que garantiram a derrota dos comandos militares golpistas que se rebelaram na cidade, em 1936. As milícias antifascistas dos anarquistas eram as únicas forças organizadas capazes de deter o golpe militarmente, e o fizeram nas ruas. Combateram rua a rua, quarteirão a quarteirão em torno das seis ou sete unidades militares. Enfim, as ruas eram o espaço dos anarco-sindicalistas muito mais que da burguesia. Nas palavras de um ativista da Cooperativa de Sants:

En 1936 Hombres de Acción paron el golpe militar, se hace el 80% de colectivización en Barcelona, en el gobierno de la República. Son tres grupos componen el gobierno: Grupos de Defensa (organizan los comités), Comité Militar y el Comité Anti-fascista (a cargo de CNT), en estos últimos los más importantes son los Comités de Colectivizaciones en los barrios. En julio de 1936, la pequeña burguesía catalana se asusta con CNT y crea el PSUC. Se

puede decir que en Barcelona el Anarquismo es una expresión teórica de una organización social. (I. M. Diretor da Cooperativa de Sants, entrevista concedida na livraria “Ciutat Invisible”, em Can Batlló, em 22 abr. 2016)

Sobre os combates nas ruas, o historiador inglês Chris Ealham (2005) sustenta a ideia de que a apropriação do espaço urbano não era uma onda de comoção explosiva, protagonizada por uma multidão enlouquecida em êxtase revolucionário, mas foi parte de um projeto pensado. As forças que se manifestaram nesse espaço urbano barcelonês, especialmente no período que vai da defesa da cidade e proclamação da República, em julho de 1936, até maio de 1937, imprimiram uma profunda transformação urbana em Barcelona. Foram dois os agentes dessas mudanças: o primeiro, a ação de combate das forças revolucionárias (a CNT anarco-sindicalista, a FAI anarquista, e o POUM, dissidente comunista) que, articulando uma concepção e uma prática do “urbanismo revolucionário,” se apropriaram e ressignificaram o espaço urbano; o segundo foi a cultura dos bairros, os quais, tendo uma sólida tradição de luta e ação direta desde 1830, foram atores cotidianos importantes em suas redes de afinidades e solidariedade ao conseguirem imprimir sua concepção do que seria a “cidade proletária”.

Depois de resistir à invasão de Barcelona, CNT/ FAI deixaram claro aos aliados republicanos que controlavam o espaço urbano, nas ruas, nos bairros e nas fábricas. Quanto ao 18 de julho de 1936, o antropólogo e urbanista barcelonês M. D., em entrevista, assinala: “Era verano y vacaciones escolares, la ciudad estaba vacía, las clases medias y burguesía estaban fuera. La defensa de la ciudad se hizo por la lucha armada formada por las barricadas de barrios bajo el liderazgo disciplinado de la CNT.” (Manuel Delgado, entrevista concedida à autora na Universitat de Barcelona, em 14 jul. 2016)

O elemento fundamental que irá a definir a forma do urbanismo revolucionário foi a construção das barricadas, tradição federalista catalã. Portanto, o espaço urbano era o lugar de seu projeto político e a organização e continuidade de sua ocupação estava em mãos da CNT-FAI. Mesmo após, no dia seguinte, ao convocar a volta ao trabalho, a CNT manteve as barricadas que controlavam as entradas e saídas da cidade e aquelas que poderiam obstruir os transportes urbanos. No bojo da reorganização do espaço urbano, a vida cotidiana foi se proletarizando na medida em que o gosto burguês foi sendo substituído por roupas padronizadas de inspiração proletária e miliciana. Quanto à eliminação física dos inimigos de classe, a igreja foi definida como principal alvo³ e a maioria das mortes contra as forças conservadoras durante a Guerra Civil em Barcelona foram feitas de forma organizada sob o conhecimento de autoridades republicanas. No que se refere ao espaço da produção, “não havia um projeto para eliminar a burguesia como classe” (Ealham, 2005, p.158). A ideia era trazer os antigos donos das fábricas para dentro delas em condições similares às dos trabalhadores, o que aconteceu em alguns espaços coletivizados. Esta tendência foi enfraquecida quando os comunistas republicanos do Partit Socialista Unificat de Catalunya/PSUC, que formavam parte da aliança antifascista, passaram a proteger os elementos da pequena e média burguesia barcelonesa, momento em que os ácratas tinham no estalinismo o principal inimigo, sendo a recíproca verdadeira.

³ “El universo cultural de la clase obrera local se formó por medio de la interacción dinámica de los procesos cognitivos y de la experiencia durante un largo periodo de represión, que dieron lugar a lo que Pierre Bourdieu describió como “sociología espontánea”. La identidad proletaria de los barrios alimentó un profundo sentimiento de “nosotros”, a la vez que definía una serie de enemigos sociales y políticos como “intrusos”. Esta rica cultura de la clase obrera y los residuos anteriores de la memoria social fueron destilados y politizados por el discurso de la CNT, que identificaba a los enemigos como un “otro” inmoral y parásito que vivía del sudor del trabajo de los obreros y que debían “limpiarse” por el “bien de la salud pública”, dicho de otro modo, por el bien de la comunidad.” (Ealham, 2005, p.159).

A cultura de ação autônoma da classe trabalhadora, por meio das barricadas, ainda que estivesse ligada à CNT costumava seguir diretrizes locais, sendo os comitês de distritos o único organismo genuinamente revolucionário formado em julho de 1936. Um decreto do governo republicano, baixado em outubro de 1937, extinguiu os comitês locais da Catalunha; os mais fortes ignoraram o decreto e os comitês de bairros sobreviveram algum tempo. A desconfiança em relação aos organismos estatais da ordem pública, uma herança catalã, viu-se reforçada quando da incapacidade da Segunda República de defender a classe trabalhadora dos inimigos da democracia, debilitando as conquistas históricas dos trabalhadores, os mesmos que haviam defendido a cidade da invasão dos fascistas em 1936. Diante do progressivo acordo dos líderes anarquistas com a república, a favor de fazer a guerra e não a revolução, os comitês de bairro foram se enfraquecendo, o que debilitou o poder dos comitês locais e comprometeu o projeto urbanístico revolucionário de apropriação e ressignificação do espaço urbano. Coerente com o projeto da cidade republicana, para a CNT a forma de apropriação do espaço pertencente aos ricos da cidade tampouco tinha o mero sentido de apropriação material; tratava-se de imprimir outro significado aos lugares de exclusão, dando conotação pública àquilo que era tirado do povo, o que era compatível com a moral anticonsumo e antimaterialista da CNT. O abastecimento foi foco das intervenções tanto no que se referia à apropriação de estoques para distribuição como à criação de uma rede de restaurantes populares. Em Barcelona, o Hotel Ritz foi convertido em Hotel Gastronómico, um restaurante comunitário que servia às milícias e aos pobres, trabalhadores e excluídos. Os casos mais emblemáticos de apropriação dos espaços dos ricos foram a ocupação do edifício do Banco de Espanha e a da sede da Federação Patronal Catalã, que passou a se chamar “Casa CNT-FAI”, e na Via Layetana, em pleno centro, a ocupação de onde havia se alojado a sede da polícia, de amarga memória para os trabalhadores.

As ruas, que em Barcelona eram um lugar muito mais vivido e familiar para os trabalhadores do que para as elites e autoridades, agora se tornavam mais que nunca o lugar onde a vida revolucionária se desenvolvia. Como a reforma urbana do início do século havia expulsado a classe trabalhadora das favelas para espaços marginalizados da cidade, ocupar o espaço público e sinalizar a ocupação significava apropriar-se dele. Os hábitos de vestuário também modificaram a paisagem urbana, podia-se ver, na Rambla, cenetistas passeando com macacões azuis das milícias, e as roupas usadas normalmente passaram a ser quase como uniformes, utilizados também pelas elites, que por cuidado e recato procuraram vestir roupas próximas ou iguais aos macacões azuis das milícias. Outra forma de sinalização da presença dos trabalhadores no espaço público eram as bandeiras vermelhas e negras colocadas nos edifícios e nos veículos apropriados agora com as inscrições CNT-FAI. O número de empresas coletivizadas chegou a 300, especialmente aquelas nas quais os donos haviam sido assassinados ou fugido da cidade. Outra iniciativa por parte das lideranças anarquistas era a aproximação do espaço de trabalho e de vida da comunidade. As tentativas de integrar esses dois espaços foi a criação de creches, bibliotecas nas fábricas, programas educativos de cultura e línguas estrangeiras nas horas de descanso. Estas iniciativas foram enfraquecidas na medida em que a lógica da guerra, em detrimento da lógica da revolução, foi forçando a aceitação de uma perspectiva produtivista por parte da CNT-FAI.

Enfim, tudo o que ficou conhecido como “destruição criativa” tinha por fundamento uma cultura de resistência e destruição da lógica espacial da cultura burguesa, ancorada nas lutas anteriores. Outros temas também ocupavam o novo significado da cidade revolucionária, como as atitudes machistas, que pareciam mudar mais lentamente. Mesmo tendo a ministra Federica Montseny garantido a igualdade legal entre os sexos, ainda assim havia cartazes republicanos que manifestavam preconceitos contra as mulheres, atribuindo-lhes por exemplo a transmissão de doenças venéreas. Pode-se concluir, através dos relatos feitos posteriormente, que muitas das

questões de direitos das mulheres foram adiadas, ainda que a Liga Feminista tenha tido expressão em Barcelona.

ANARQUISMO BARCELONÊS. CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE

O que se pode apreender, a partir das entrevistas e das visitas aos ateneus e cooperativas, é que hoje em Barcelona existem muitas maneiras de ser anarquista. A ministra cenetista do governo da República, Federica Montseny, de volta do exílio, em entrevista ao programa televisivo *La Clave* em 8 de junho de 1984, lembrou aos jovens entrevistadores que as bandeiras recentes e as liberdades que eles desfrutavam foram, no passado, bandeiras anarquistas. O amor livre, a defesa da ecologia que apareceu na França e na Espanha, os verdes na Alemanha, o vegetarianismo, o direito ao aborto, o naturismo libertário, valores e bandeiras que foram impregnando a sociedade atual, haviam nascido das práticas e valores anarquistas cujas origens não são desconhecidas para a juventude. Se hoje a cidade convive com ateneus e formas de organização de ação direta, grupos de afinidades, uma malha associativa de inspiração libertária, parte dela declaradamente anarquista e parte que, embora não se autodeclare, nela se inspira, suas raízes ficaram apagadas ou censuradas pela ditadura franquista e, segundo simpatizantes, sobretudo pela propaganda comunista. Hoje, em Barcelona, a maioria dos ateneus – que, segundo registro da Prefeitura, são em número de 59 – se declara libertários. Pode-se supor que se trate de uma linha de continuidade no tempo, que tendo sobrevivido clandestina e silenciosa nos 38 anos de ditadura, permaneceu, em parte, e renasceu em diferentes gerações na cidade?

No espaço barcelonês, após a morte de Franco, sob alguma liberdade de expressão, trazendo a memória da guerra e tudo que ela envolveu, entre os novos libertários renasceu o questionamento interno à CNT, sob o famoso lema: “Ni Deus, Ni Amo, Ni CNT”. Na transição, especificamente em seu início, foi vertiginoso o ressurgimento do anarco-sindicalismo em Barcelona. Em 1977, dois anos após a morte do ditador, a CNT chegou a ter só em Barcelona em torno de 200.000 pessoas. O novo anarco-sindicalismo, além de ter um ingrediente de renovação geracional trazia uma nova forma de viver e pensar a tradição libertária. As “Jornadas Libertárias de 1977” que tiveram lugar no Parque Güell, assim como a revista “*Ajoblanco*”, são a expressão do choque de gerações e de visões diferentes do que era a vida libertária nos anos setenta. Muito mais individualistas do que seus antecessores do anarco-sindicalismo, as novas gerações cenetistas procuravam praticar o princípio da ortodoxia anarquista segundo o qual “no hay derechos, se ejercen” de uma maneira muito mais individualista e próxima aos padrões da juventude pós-1968 do norte da Europa.

Já nas primeiras eleições celebradas na transição à democracia, renascida da clandestinidade a CNT reafirmou seu antipolitismo e não participou do pleito. Tampouco participou das eleições sindicais em Barcelona, e não reconheceu os Comitês de Empresa ou aceitou as subvenções estatais ou empresariais. Entre 1976 e 1978, seu crescimento em Barcelona foi superior às nove províncias catalãs, dispendo de hegemonia frente à *Confederación Sindical de Comisiones Obreras/CCOO*, o sindicato comunista, e à *Unió General de Treballadors de Catalunya/UGT*, socialista. Em junho de 1977 realizou o encontro mais pungente de toda a transição à democracia em Barcelona, o “*miting de Montjuic*”, que chegou a ser estimado em um milhão de pessoas. No mesmo ano se seguiram as greves das gasolneiras, a primeira das quais foi considerada uma vitória para os trabalhadores e para a CNT. Ao crescimento e avanços no campo trabalhista se fez sentir o anti-cenetismo nas declarações dos empresários assustados com o poder da CNT e o temor de que se restabelecera sua força dos anos da República. Se de um lado há a expulsão coletiva dos jovens libertários, em choque com o estrito moralismo dos anarco-sindicalistas

históricos, de outro a CNT sofreu um desastre quando teve sua imagem criminalizada e foi responsabilizada por um atentado com vítimas mortais em um salão de festas no centro de Barcelona, o “caso Scala”, em 1978. A partir deste período ela perde sua força, e hoje a CNT se dedica a tratar de casos trabalhistas e defesa de direitos com expressão incomparavelmente menor que a do passado na cidade.

Nos anos 1970, as novas gerações que se filiaram à CNT, ao buscarem uma forma de expressão libertária, se chocaram com o puritanismo do anarco-sindicalismo, culminando com expulsão coletiva da maioria deles. O novo padrão, cuja manifestação se fez sentir a partir e especialmente após as *Jornadas Libertárias Internacionais* – quando se acercaram da CNT em torno de 200.000 jovens – e os Atos Culturais celebrados no Parque Güell em 1977, se chocou contra o estrito moralismo de parte da CNT. Essa nova geração provava as drogas, o amor livre e tampouco estava disposta a aceitar relações hierárquicas, questão sobre a qual tinham uma hipersensibilidade. Pode-se dizer, segundo um ex-militante expulso em 1977, que “éramos mais libertários do que anarquistas”. Segundo intelectual e ex-militante:

No hay continuidad en el anarquismo. La CNT ha crecido en la transición porque estaba fuera de los partidos, las nuevas generaciones entendieron que los partidos tradicionales de izquierdas o los republicanos e nacionalistas estaban lejos de poner en jaque el orden jerárquico. (...) Hoy las conexiones libertarias están en los barrios y en los ateneus, son espacios de convivencia. El anarquismo es un lugar de encuentro, no hay un cuerpo central de la teoría, se puede ser anarquista de muchas maneras. Después del 15 M todo ha mudado en España. (entrevista concedida à autora no Ateneu Barcelonés, em 18 abr. 2016)⁴

Para Taibo (2015), hoje o anarquismo na Espanha se apresenta basicamente com duas caras: uma sob a bandeira do “municipalismo libertário”, cuja matriz teórica se encontra em Murray Bookchin; a outra sob a bandeira da “ação direta”, que se encontra em alguns ateneus, livrarias e ocupações em bairros barceloneses. Quanto ao “municipalismo libertário”, é a experiência do Partido dos Trabalhadores do Kurdistão/PKK a que tem entusiasmado e influenciado quase como uma moda a juventude libertária espanhola, configurando-se como a experiência mais emblemática das teses de Murray Bookchin, formulador da “ecologia social” adotada pelo PKK. Fundado no Kusdistão Norte, território dentro da Turquia, o PKK desenvolveu e adotou o projeto de Bookchin do “municipalismo libertário”. Essa experiência tem sensibilizado a juventude libertária tanto na Europa como no Brasil. Segundo compilação, feita na Espanha, dos textos de Abdullah Öcalan, líder do PKK, suas ideias principais se expressam no “confederalismo democrático”, cujos eixos são o ecologismo e o feminismo. Como detalhe, os confederalistas do Kurdistão deletaram a palavra masculino, passou a existir feminino e feminina, aspecto revelador da importância que dão à superação da dominação dos homens sobre as mulheres como condição para a emancipação humana.

⁴ O “Movimiento 15M”, também conhecido como movimento dos “Indignados”, nasceu espontaneamente no dia 15 de maio de 2011 em Madrid e no dia seguinte em Barcelona, como uma onda de protestos pacíficos que aglutinou multidões de jovens nas mais importantes praças públicas das cidades da Espanha. Tinha uma pauta ampla de reivindicações, basicamente críticos do bipartidarismo que alterna o poder na Espanha, financiamento de eleições, a favor da democracia participativa, contra a corrupção e as expulsões de moradores, os “desahucios”, com hipotecas vencidas. Como alternativa aos partidos convencionais formaram novos partidos, sendo que “Podemos”, nas eleições de 2014, elegeu cinco eurodeputados para o Parlamento Europeu. Contra os desahucios também se formaram em Barcelona outros partidos, cuja coligação elegeu como prefeita de Barcelona, em 2015, Ada Colau, ex-líder do movimento Okupa.

O ANARQUISMO BARCELONÊS HOJE

Já foi dito que hoje, em Barcelona, se pode ser anarquista de várias maneiras e que os ateneus podem ser entendidos como espaços de convivência. Também se afirmou que se de um lado existem experiências de “ação direta” e “redes de afinidades” dos que hoje se autodeclararam anarquistas, ainda se expressam e fazem-se presentes militantes e associações que, não se declarando anarquistas, se inspiram nesta fonte e a praticam de modo a se auto declararem libertários. O caso das “Cooperativas do bairro de Sants” corresponde aos que se autointitulam anarquistas. Apresentam-se como “um espaço de encontros e intercooperação de iniciativas socioeconômicas transformadoras, com cooperativas, entidades de economia social e solidária e projetos de autogestão comunitária” (SANTS COOPS, 2016). O *Impuls Coop* reúne a bagagem do *Barri Cooperatiu*, projeto de promoção de cooperativismo impulsionado em Sants entre 2009 e 20013 pela *Federació de Cooperatives de Treball de Catalunya e La Ciutat Invisible*. Foram entrevistados dois dirigentes do projeto: Ivan Miró, coordenador e diretor da Livreria Ciutat Invisible e diretor do projeto, e Joan Costa, coordenador das oficinas coletivas.

A entrevista com Ivan Miró foi realizada em 22 de abril de 2016 e teve lugar na Livreria “Ciudad Invisible”, Barrio de Sants, em Barcelona. Segundo ele, sobre Can Batlló são dois os aspectos a serem considerados. Em primeiro lugar:

[...] desde el punto de vista histórico el anarquismo fue muy fuerte en Cataluña, no teniendo un Estado fuerte, la sociedad se proyecta en el mercado, Cataluña es una colectividad nacional sin Estado. No hay latifundio, no hay un tejido agrario y tampoco hay terratenientes. La Cataluña es industrial, en el siglo XIX la idea que se tenía para Cataluña es de una República Federativa. Se puede decir que la matriz social de Cataluña es federalista, la organización social, la manera como la sociedad se organiza es federalista. En Sants había un nuevo proletariado, era una sociedad de resistencia. En 1855, la asociación estaba prohibida, sin embargo en Sants, en la primera Huelga General, 1855, los trabajadores declararon: “Associació o mort”.

O entrevistado realça aspectos que considera importantes para se entender o desenvolvimento da luta dos trabalhadores. Recorda que em 1918, período de crescimento da CNT “tiene lugar el ‘Congreso de Sants’, cuando se crean los sindicatos cívicos. Após a greve da Canadence, la Companhia Light and Power de Canadá, aparece o ‘pistolero’, milicias privadas da patronal, e em 1931 a CNT é considerada insurreccional e não sindical, os pistoleros passam a matar os líderes cenetistas”. Buscando responder à pergunta formulada por ele mesmo, qual seja, “De cual manera se hace la cadena de transmisión?”, relembra que na 2ª República o anarco-sindicalismo, com CNT e FAI, era muito forte, tanto politicamente quanto militarmente, tendo sido elas que, em 1936, através dos “Hombres de Acción”, pararam o golpe militar. A partir dessa força são feitas 80% das coletivizações em Barcelona, no governo da República. Na composição do governo republicano são três os grupos: “*Grupos de Defensa* (organizan los comités), *Comité Militar* y el *Comité Anti-fascista* (a cargo de CNT), en estos últimos los más importantes son los *Comités de Colectivizaciones* en los barrios”. A criação do PSUC, comunista, é uma reação da pequena burguesia catalã à força da CNT, em julho de 1936.

Diante da questão do que é o anarquismo hoje, Ivan Miró explica: “Se puede decir que el Anarquismo es una expresión teórica de una organización social horizontal, no jerárquica y cooperativa”. Hoje são dois os elementos anarquistas históricos: primeiro, aqueles grupos que se autointitulam anarquistas e que se encontram nos ateneus e na FAI; e, segundo, os movimentos

de cultura libertária e os cooperativistas. Sobre o caminho que essas forças têm tomando em Barcelona, Miró afirma:

En 1990, hubo una implosión de grupos de izquierdas. Nascen no por ideologías, grandes ideas, sino por prácticas. La CNT ahora es una caricatura, es moralista y choca con las formas libertarias. En BCN la idea de territorio es importante, recuperó el movimiento de barrio. Los OKUPA empezaron en los 90, una representación simbólica, copian ideas interesantes de cada tradición teórica.

Ele esclarece que, como na Espanha a democracia veio junto com a crise econômica e a precarização do trabalho, nessa nova realidade os sindicatos perderam força e passaram a não representar os interesses dos trabalhadores. Como exemplo cita a negociação feita em 1994 pela CCOO com a patronal para que os jovens tivessem salários menores, isto é, os velhos promovendo a dualização do trabalho. Em 1992 a Pax Olímpica significou a destruição massiva dos movimentos sociais, e em 1994 as coisas mudam. De um lado aparece Chiapas e o Kurdistan, que são referências nacionais; de outro a “insumisión de consciencia” ao Exército leva os jovens à prisão – tudo isso faz com que as coisas mudem. Conclui: “Bajo en nombre de anarquistas, la Idea, no hay más. Ahora sólo hay el trabajo con anarquistas, la idea es otra”.

A história da ocupação de Can Batlló foi narrada em entrevista com Joan Costa, diretor das oficinas, ativista de primeira hora e testemunha de sua ocupação e construção. O relato que se segue é baseado em seu depoimento, colhido no Pavilhão 11 de Can Batlló, em 27 de abril de 2016.

A história do Bairro de Sants, anteriormente outra cidade não pertencente à Barcelona, está ligada à grande industrialização de Barcelona, especialmente a indústria têxtil, e às lutas de organização e associações de resistência, desde o século XIX. Durante a Guerra Civil, a CNT socializou a fábrica de Can Batlló. Em 1976, após a morte de Franco, ressurgiu em Barcelona o “Movimiento Vecinal”, o antigo que tomou novas formas e que no começo era formado de comerciantes que, por estarem associados às luzes de Natal, eram chamados de “bombillos”, nome que se dá na Espanha às luzes de Natal. Os habitantes do bairro, chamados “vecinos”, foram se infiltrando nessas associações e algumas delas foram sendo legalizadas pouco a pouco, tratando de temas que se relacionavam ao urbanismo, feminismo, educação e trabalho. Por outro lado, em 1976, o Plan General Metropolitano, na época do prefeito Porcióles, previa uma reserva do solo como de “Función Social”, o que implica em declarar Can Batlló como “Zona Verde y de Equipamiento Social”. O Centro Social de Sants havia sido fundado em 1974 no contexto das manifestações pela autonomia da Catalunha e na luta pela anistia, época em que os “vecinos” começam a pedir, timidamente, a recuperação de Can Batlló. Após a morte de Franco, Can Batlló ocupava um espaço de oito hectares, convivendo com dois interesses contraditórios: ao mesmo tempo que era uma propriedade privada, tinha sido declarada de interesse social. A fábrica havia sido comprada, depois da Guerra Civil, em 1943, por um milionário, Julio Muniz Romanet, que tinha feito fortuna rapidamente durante o franquismo. Quando em 1962 se desfaz a indústria têxtil, os espaços são divididos e passam a ser alugados para pequenas empresas.

Ainda segundo o relato de Joan Costa, a CNT tinha sido refundada na Paróquia de San Medir, em Sants, muito próximo ao espaço da Fábrica. Isso mostra que parte da igreja não se movia influenciada pelo mito da CNT como destruidora de igrejas e que o bairro de Sants mostrava ter as forças sociais integradas, pouco marcada pelas lutas do passado. Na transição, a España Industrial Têxtil começou a reivindicar Can Batlló, lembrando que Sants era um centro industrial muito importante na Catalunha – além da indústria têxtil, os perfumes franceses eram fabricados em

Sants. Sobre a tradição histórica de Sants, Costa recorda: “Las murallas, cuando fueran hechas, la hicieran para bombardear la ciudad, no se podría construir fuera, Sants era otro pueblo, estaba fuera de las murallas. Era una región donde se encontraba la gran industria”. Em 1992, houve a proposta de construir a Vila Olímpica em Can Batlló, e através de uma Associação entre empresas, prefeitura e trabalhadores se faria a construção das casas. Depois de 2000, a proposta para Can Batlló era a construção de 600 casas sociais e vinte e um equipamentos. Em 2008, com a bolha imobiliária, a construção entra em crise e a solução é adiada. A “Asociación de Vecinos” passa a exigir um calendário e ameaça com ocupação caso os prazos não sejam definidos. Em 2009 cria-se um clima de espera em Can Batlló. Havia cerca de trinta pessoas mobilizadas com o apoio do Centro Social de Sants e Comisiones de Vecinos de Bordet, um bairro próximo. A partir disso foram sendo criados espaços de amigos e se saltou para duzentas as pessoas envolvidas. O PSUC se manifestou afirmando que as ocupações não tinham base legal; já o prefeito, Trías, disse que apesar de legítimo não era legal. Nas palavras de Joan Costa:

En el once de julio de 2011, sábado, entramos en Can Batlló. Ofrecieran un edificio industrial NAVE. La Asociación de Padres y Mestres, ANIPA, semana había recibido una llamada de la familia Nuñez Romanet. La ocupación fue festiva, a las doce horas las campanas de la Iglesia de San Medir empezaron a tocar. El primer equipamiento fue la Biblioteca, con los libros donados por los vecinos.

Segundo Joan Costa, a situação foi favorecida por algumas casualidades que se somaram: as associações de vizinhos, a conjuntura eleitoral e a mídia. Uma notícia da TV italiana mostrou uns “loucos” que ocuparam uma antiga fábrica, lembrando que a ocupação dos indignados tinha se passado um mês antes. Assim, “Un día antes de terminar el plazo la alcaldía aceptó, los abogados de los hijos de Romanet llamaron al teléfono. El alcalde Hereu firmó”.

As unidades de auto-gestão distribuídas no bairro são quarenta e quatro em funcionamento, divididas em atividades de “Tallers i mobilitat” (seis), “Habitar” (três), “Finances” (três) “Alimentació” (dez), “Educació” (cinco), “Comunicació i TIC” (seis), “Cultura i restauració” (cinco) “Espais socials” (seis). É uma experiência inédita hoje em Barcelona, e talvez no mundo, na qual as relações hierárquicas foram substituídas por redes horizontais, sendo criado o espaço dos “comuns”, possibilitado em grande medida pelo passado federalista e assembleário barcelonês.

REFERÊNCIAS

- ANDREU, Marc Acebal. **Barris, veïns i democràcia**. El moviment ciutadà i la reconstrucció de Barcelona (1968-1986). Barcelona: L’Avenç, 2015.
- BIEHL, Janet. **Municipalismo libertario**. Las políticas de la ecología social. Barcelona: Virus Editorial, 2015.
- CABANYES, O. P. **Sentido de Estado**. Lavanguardia. 23\05\2016. Barcelona.
- DALMAU, Marc; MIRÓ, Ivan. **Les Cooperatives Obreres de Sants**. Autogestió proletària em um barri de Barcelona (1870-1939). 2. ed. Barcelona: La Ciutat Invisibles Edicions, 2010.
- DEPARTAMENT D’ESTADÍSTICA AJUNTAMENT DE BARCELONA. **Anuario Estadístico de Cidade de Barcelona**. 2016. Disponível em: www.bcn.cat/estadistica. Acesso em: 21 ago. 2016.

- DIEZ, Xavier. **L'Anarquisme, fet diferencial catalá.** Influència i llegat de l'anarquisme en la història i la societat catalana contemporània. Barcelona: Virus Editorial, 2013.
- EALHAM, Chris. **La lucha por Barcelona.** Classe, cultura y conflicto. 1898-1937. Madrid: Alianza Ensayo, 2005.
- EALHAM, Chris. **España Fragmentada.** Historia Cultural y guerra Civil española. Granada: Ed. Colmares, 2010.
- ENGELS, Friedrich. **Los Bakunistas en Acción** (1873). Marxists Internet Archive, 2000. Disponível em: www.marxists.org/archive. Acesso em: 02 nov. 2016.
- ESPAI DE LLIBERTAT: revista d'esquerres per a la formació, la reflexió i l'agitació política, Barcelona, n. 54, abr-jun. 2009.
- GARCIA, Josep. Una introducció al pensament anarquista. Ponència apresentada a l'Escola de Formació Política de Cal Temerari. **CatalunyA**, Barcelona, n. 185, P.3-5, set. 2016.
- GINER, S. El Sur de Europa en la transición a la democracia. In: SANTAMARÍA, Julián. **Transición a la Democracia en Sur de Europa y América Latina.** Madrid: Consejo de Investigaciones Sociológicas/CIS, 1982. p.42.
- MARTÍNEZ, Guillem. **Barcelona rebelde.** Guia històrica de una ciudad. Barcelona: Debate, 2009.
- ÖCALAN, Abdullah. **Confederalismo democrático.** Madrid: Coletivo Rojava Azadi, 2016.
- SANTS COOPS. Economia social i solidària - Autogestió comunitària. Disponível em: www.sants.coop. Acesso em: 20 abr. 2016.
- TAIBO, Carlos. **Repensar la anarquía.** Acción directa, autogestión, autonomía. Madrid: Ed. Catarata, 2015.